



## **DA MULTICULTURALIDADE À INTERCULTURALIDADE ACOLHER A DIFERENÇA COMO VALOR**

### **Introdução**

Esta reflexão serve de pano de fundo para um novo documento, publicado faz algum tempo, pela Congregação para a Educação Católica, intitulado *Educar para o diálogo intercultural na escola católica. Viver juntos para uma civilização do amor*. Com muito gosto lemos logo esse aprofundamento, também porque expressões como *multiculturalidade* e *interculturalidade* estão presentes há tempo nos documentos do Instituto; mas isso não quer dizer que já estamos nos educando e educando para o diálogo intercultural, em todos os contextos em que estamos presentes. Temos consciência de que é necessário aprofundar ulteriormente essa realidade, para mudar de mentalidade e promover nas comunidades educativas, o acolhimento de todas/os na convivência das diferenças, num tempo de extraordinária mobilidade humana.

Por isso, estamos enviando, junto com o texto completo da Congregação para a Educação Católica em várias línguas, também esta reflexão de síntese, dos Capítulos gerais XXI e XXII às *Linhas orientadoras da missão educativa das FMA*, convergentes sobre o tema do CG XXIII, *Ser hoje com os jovens casa que evangeliza*. Nós nos preparamos assim para esse evento da história do Instituto no empenho pessoal e comunitário de acolher com amor as jovens e os jovens que hoje querem caminhar ao nosso lado para – juntos – levar a Boa Notícia do Evangelho a muitos outros povos e pessoas.

### A interculturalidade como amor

O fato de viver nesta sociedade caracterizada pela presença simultânea de culturas diferentes que a globalização contribui para entrelaçar, obriga-nos a reconhecer que estamos diante de um fenômeno relevante para a missão educativa. A sociedade se acha em contínua mudança, é multicultural, com os recursos e as dificuldades que isso comporta. Pessoas de todas as idades, grupos com as mais variadas composições, provenientes de diversas culturas, nações, histórias de vida, são chamados a se encontrarem, a conviver, a construir um mundo comum novo, capaz de quebrar esquemas rígidos e monótonos de pensamento e de comportamento, fundados muitas vezes sobre a presunção de superioridade e de perfeição.

O surgimento do “outro”, do “estrangeiro”, é sempre um desafio: pode despertar - em cada pessoa e nos grupos sociais - medo, preconceitos, atitudes defensivas e de fechamento que, às vezes se transformam em ataques, que derivam da percepção de que o “outro” representa uma ameaça aos próprios modos de viver, aos costumes mais arraigados, até mesmo aos valores mais profundos.

Como educadoras salesianas acreditamos que é necessário atuar na perspectiva da interculturalidade que, ao invés, requer o encontro, a reciprocidade, a convivência das diferenças. E a chave para isso é precisamente o amor.

De fato, a realidade humana nos apresenta muitas vezes o “desencontro” (como afirmava Martin Buber), seja em nível micro, isto é, as relações mais próximas, seja em nível macro. Em muitos contextos nos quais exercemos a missão educativa, constatamos uma evidente mobilidade humana, em particular juvenil, com variadas causas e motivações. Nos contatos com as várias identidades culturais, muitas vezes notamos formas de “apartheid” (intolerância, “compartimentos culturais”, etc.), de “assimilação” (nivelamento, conformismo, redução ao

Esta reflexão vai acompanhada pelo documento da Congregação para a Educação Católica nas diversas línguas, com o convite a usá-la como tema de leitura e estudo nas equipes de pastoral e nas realidades educativas locais.

A riqueza do Instituto presente em 94 Países dos cinco Continentes nos permite estabelecer uma comunicação mundial constante e, ao mesmo tempo, nos estimula a tornar efetivas as redes já existentes em nível de Continentes no que diz respeito a Escola e Formação profissional, associações e confederações de Oratórios-Centros juvenis e de voluntariado. Nessas realidades certamente já estamos atuando aquela troca de mentalidade que requer a passagem da multiculturalidade à interculturalidade.

Acompanha-nos a consciência de que educar hoje significa abertura de todas/os ao acolhimento das diferenças: da equipe dos professores às animadoras e animadores, das/dos jovens aos pais e todos aqueles que estão em rede conosco na pluralidade de presenças... nós, comunidade de FMA chamadas a viver a interculturalidade da mente e do coração.

A Família de Nazaré, modelo de acolhimento da diversidade dos pastores, dos Magos, dos pobres... ajude todas as nossas comunidades educativas a serem testemunhas de diálogo intercultural e de construção participada da civilização do amor.

2 de fevereiro de 2014

*XVIII Jornada da Vida Consagrada*

Maria del Carmen Canales fma

Runita Borja fma

Lolia Annie Pfozhumai fma

Elena Rastello fma

“pensamento único”), de “banalização das diferenças”... Às vezes são formas impostas pela cultura dominante, de modo explícito ou dissimulado,. Em outros casos são assumidas pelos “recém-chegados”, que podem “se isolar” em espaços fechados de resistência cultural, ou auto-assimilar-se superficialmente, cortando as raízes culturais das quais são filhos e filhas.

Do ponto de vista da educação e da evangelização, é necessário compreender a complexidade dessas situações, reconhecer suas possíveis causas e, naturalmente, acompanhar pedagogicamente os jovens, as famílias e outros educadores e educadoras para se confrontarem criticamente sobre essas tipologias de integração que negam o encontro autêntico.

Achamos que, numa ótica construtiva, é necessário colocar em jogo as dimensões do amor, o autêntico ‘adesivo’ capaz de dar vida a relações construtivas e recíprocas, de tornar fecundos os encontros entre as diversidades. Por isso, devem ser valorizadas as experiências, nada fáceis - muitas vezes problemáticas, mas realmente preciosas - de abertura ao outro, de diálogo autêntico e respeitoso, através das quais é possível chegar à realidade, jamais terminada nem definitiva, da interculturalidade, a convivência dinâmica das diferenças.

### **A interculturalidade como hospitalidade**

Faz algum tempo, uma jovem me disse: “Enquanto a gente não visita a casa de uma pessoa, é difícil dizer que a conhece bem”. No fundo, a interculturalidade está nessa capacidade de hospedar e, “como hóspedes, falar sobre nós e, juntos, construir o mundo comum”, como dizia o pedagogo brasileiro Paulo Freire. Hóspede é quem sabe convidar e receber, sendo casa acolhedora. E hóspede é quem, descentrando-se, sabe ir à casa de um outro, colocando-se no lugar dele, vendo o mundo e a si mesma/o daquele ponto de vista diferente.

Para nós então, se abre a estimulante questão de uma “pastoral hospitaleira”, capaz de valorizar, como verdadeira

“morada acolhedora”, a cultura à qual pertencemos e, ao mesmo tempo, acolher - evidenciando suas belezas - a cultura das outras pessoas, estimando e apreciando os vastos horizontes dos povos, do mundo, espaço comum que, a esta altura, diz respeito a todos.

Nessa perspectiva, a educação autêntica e a pastoral são interculturais. Esse fato, evidentemente, diz respeito a todas/os, não somente – como muitas vezes se pensa - ao “estrangeiro”, a quem provém de uma outra cultura. Já faz tempo que o Instituto nos propõe o empenho de nos formarmos como “mulheres interculturais”; e não apenas porque o desafio do hoje o requer, mas justamente porque somos chamadas à interculturalidade e, como pessoas, somos “relação” e “diálogo”.

Por isso, como diz o filósofo Edgar Morin, é preciso ter uma “cabeça bem feita”, junto com “coração bem feito”: numa palavra, uma inteligente capacidade de amor educativo.

No Instituto, as comunidades educativas debatem há tempo sobre essa realidade, inclusive no intercâmbio e no conhecimento de significativas experiências interculturais, no planejamento pedagógico e na aplicação de estratégias interculturais inovadoras, muitas vezes alternativas, em cada contexto: na família, na escola, nos oratórios-centros juvenis, na cidade, por toda parte!

A educação é chamada em causa, porque se pede a ela que dê um contributo essencial à preparação de “novos” cidadãos, capazes não só de conviver na diversidade, mas de construir juntos um mundo melhor, inclusive graças ao peculiar contributo que cada cultura pode oferecer. De problema a desafio, de desafio a recurso, esse é o itinerário sobre o qual a educação está empenhada.

### **A lógica do “fazer-se um com...”**

Trata-se de um processo circular em que a educadora vive o cuidado como ato de profunda atenção, solicitude e participação

globalizou a realidade da multiculturalidade e da multirreligiosidade, com a conseqüente necessidade de uma adequada educação intercultural. Em tal contexto, não só na escola católica, mas em todos os ambientes e presenças educativas salesianas, somos chamadas a oferecer às novas gerações os elementos necessários para desenvolver uma visão intercultural do viver junto. Por esse motivo, pareceu-nos necessário fazer uma reflexão sobre o tema a partir das *Linhas orientadoras da missão educativa*.

O documento poderá ser meio de diálogo e de reflexão para todos aqueles que se empenham na educação da pessoa para a construção de uma sociedade rica de paz e solidariedade. A *palavra chave* que liga todos os aspectos tocados no documento é “diálogo”. O diálogo é o que o papa Francisco está propondo com convicção, como a atitude com a qual a Igreja pode enfrentar as situações hodiernas.

É o diálogo com as frentes da cultura, é o diálogo que faz a paz, é o diálogo intelectual e racional que constrói a civilização do amor que, para os cristãos, não é uma vaga solidariedade, mas exprime a caridade de Cristo. Esse é o serviço com o qual as nossas presenças educativas sempre procuram conjugar a tarefa educativa com o anúncio explícito do Evangelho, mesmo naqueles lugares onde situações adversas nos estimulam a usar a criatividade do amor para achar percursos possíveis e eficazes.

Em nível de Instituto, existem interessantes “boas práticas” nesse campo e, a pedido da Congregação para a Educação Católica, compartilhamos uma experiência concreta de educação ao diálogo intercultural. Por esse motivo nós as convidamos não só a promover experiências, mas também a socializá-las de modo que outras realidades educativas do Instituto possam aproveitá-las e seguir o exemplo.

Então, é importante elaborar uma pastoral juvenil que tenha em mira dialogar com todos os/as jovens; para isso, é indispensável criar instrumentos adequados a valorizar as diferenças culturais, a transmitir a fé em chave intercultural, a predispor experiências e percursos de crescimento humano e eclesial que partam da consciência da riqueza das diferenças. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 118, papa Francisco escreve muito bem que “É indiscutível que uma só cultura não exaure o mistério da redenção de Cristo”.

A pastoral juvenil tem algo a dizer também aos jovens não-cristãos. É importante estar conscientes de que só favorecendo trocas culturais e momentos de crescimento humano – base e fundamento de uma espiritualidade – nos mantemos afastadas de toda forma de proselitismo e desenvolve-se uma atitude de real proximidade e interesse pelo outro/a na sua diversidade.

Louis Massignon, estudioso contemporâneo, afirma que somente na medida em que se dá hospitalidade ao outro/a ou se partilha com ele/ela o mesmo trabalho, a mesma pena, o mesmo pão, no ônus da solidariedade, é que se toma consciência da Palavra de Verdade que une. Não se encontra a Verdade a não ser mediante a hospitalidade que considera toda pessoa como amiga, vizinha, próxima.

### **Um documento para potencializar o diálogo**

No dia 19 de dezembro deste ano a Congregação para a Educação Católica apresentou em Roma o documento “Educar para o diálogo intercultural na escola católica”, numa conferência de imprensa presidida pelo Card. Zenon Grocholewski, Prefeito da Congregação.

O tema tomado em consideração no novo documento é muito importante e atual - embora não seja novo, especialmente para o nosso Instituto que, há mais de um século, atua em realidades multiculturais e multirreligiosas com experiências de educação e pastoral. Todavia, hoje o relevante fenômeno das migrações

na existência das/dos jovens: é como entrar o mais profundamente possível no ânimo do outro/a, entender realmente seus problemas, suas necessidades, *assumir a carga* completa de seus pesos, colocar nas costas as suas carências, assim como seus sofrimentos, sem impaciências, esvaziadas de nós mesmas, *esperando no outro* o triunfo do bem, da justiça, da verdade. O que acontece se nos comportamos assim? As pessoas percebem que nós nos sobrecarregamos com aquilo que as oprime, e se sentem livres, por isso, mais prontas a acolher a mensagem que queríamos transmitir a elas.

Nesse sentido, o amor educativo é antes de tudo *atenção solícita*, enquanto interesse ativo pela vida e pelo crescimento dos jovens. Não uma atenção casual, mas sim uma intencional lógica de *encontro e diálogo* com a sua mais autêntica humanidade, porque toda pessoa tem necessidade de que lhe seja reconhecido um significado, um lugar no mundo, no coração de uma outra pessoa: “Se falas, e eu te escuto, tu me fazes mudar”. Também quem escuta e sabe escutar com profunda atenção e empatia é, por sua vez, enriquecida, profundamente mudada, se não por outra coisa, por aquele esforço contínuo – não tanto de estar diante da outra pessoa, mas de *estar inteira*, com tudo o que é, *dentro da situação* e do contexto comunicativo.

É nesse horizonte que nasce e se cultiva a nossa paixão de educadoras, que sabem conjugar competência e capacidade geradora de amar, capazes de olhar criativo, sempre novo, que sabem *trazer para fora, construir e dar sustentação*, despertando a nostalgia e a coragem de busca do verdadeiro bem.

### **«Deus passa através das feridas» (Emmanuel Mounier)**

Morreu, faz pouco tempo, Nelson Mandela, profeta daquela comunhão indelével que nos liga um ao outro, porque viemos das mesmas raízes. Com sua vida, ele soube demonstrar que é possível partir sempre dessa verdade, mesmo quando tudo

parecia provar o contrário: “*Impossível é a palavra que usávamos para nos referir àquilo que depois foi feito, antes que acontecesse*”. A grandeza de Mandela está em ter aprendido esse credo do impossível, dentro de um cárcere onde havia sido condenado à prisão perpétua: aprendeu a deixar para trás o ódio de qualquer cor e a encontrar a estrada da comunhão, não obstante o peso enorme da injustiça que estava sofrendo, mas graças àquele sofrimento. E foi uma gestação tão fecunda que aquilo que nasceu ali, transformou o mundo.

Faz lembrar a afirmação de Mounier: “Deus passa através das feridas!” De modo especial, aquelas *feridas aceitas em nome do diálogo*, palavra-chave para a interculturalidade e atitude indispensável à comunidade eclesial para enfrentar toda situação e, de modo particular, para construir a civilização do amor que, para os cristãos, não é uma solidariedade vaga, mas exprime a caridade de Cristo.

Muitas nossas presenças e obras educativas estão *em zona de fronteira*, em contextos onde a mistura das culturas e das religiões é a normalidade da vida concreta: em muitos lugares a grande maioria das/dos jovens que acolhemos não são católicos. Surge, então, espontânea, da realidade cotidiana, a reflexão sobre *como educar para o diálogo intercultural* onde a realidade da multiculturalidade e da multirreligiosidade é pão de cada dia.

A educação se vê compromissada com um apelo central para o futuro: tornar possível a convivência entre a diversidade das expressões culturais e favorecer um diálogo que construa uma sociedade pacífica, procurando sempre conjugar a tarefa educativa com o anúncio explícito do Evangelho e dando um contributo muito válido à evangelização da cultura.

### **Uma pastoral juvenil fundada sobre a “cultura da hospitalidade e do encontro”**

Na pastoral juvenil muitas vezes fazemos experiência daquela “atenção de amor” que o Espírito Santo suscita em nós,

pessoa tem à disposição, e isso também do ponto de vista religioso.

A pluralidade das religiões é uma consequência da riqueza, da criação mesma e da graça multiforme de Deus. Mesmo provindo todos da mesma origem, os povos têm visto o universo e articulado sua consciência do Mistério divino de múltiplas maneiras, e Deus esteve seguramente presente nessas empresas históricas de seus filhos. Tal pluralismo não deve ser deplorado, pelo contrário, reconhecido como um dom divino.

A realidade multicultural e multirreligiosa leva a repensar a nossa presença educativa em todos os contextos e não impede, antes chama de modo novo a anunciar Jesus. O respeito recíproco no diálogo ecumênico, interreligioso e com os não-crentes não dispensa da evangelização e, portanto, do *anúncio explícito de Jesus*.

Na verdade não existe contraste entre anúncio explícito de Cristo e diálogo com as outras religiões. Para ser correto e autêntico, o diálogo requer uma clara consciência da própria identidade e isso permite evitar relativismo e sincretismo. A autêntica abertura ao outro exige consciência de si.

A pastoral juvenil não se limita ao anúncio, mas orienta as/os jovens para o encontro com Jesus de Nazaré e os ajuda a maturar progressivamente sua confissão de fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

O quarto capítulo das *Linhas orientadoras da missão educativa* apresenta a pessoa de Jesus como referência de toda relação interpessoal. Nele resplendem relações ricas de interioridade, reciprocidade e proximidade hauridas das fontes da sua filiação divina.

O mistério da Encarnação nos recorda o quanto é importante a nossa humanidade. Se for teórica, a espiritualidade não é verdadeira; para ser verdadeira deve ser vivida por uma pessoa.

- potencializando o caminho de crescimento pessoal na interação recíproca (n. 105);
- vendo o Movimento Juvenil Salesiano como sinal de comunhão entre povos e culturas (n. 124);
- trabalhando em rede em favor da dignidade da pessoa, da promoção das novas gerações, da solidariedade com os pobres, da nova evangelização (n. 124), educando e educando-nos para a cultura da gratuidade (n. 130);
- tornando-se sempre mais rede de solidariedade entre todos aqueles que acreditam na educação e, de modo particular, com os grupos da Família Salesiana (n. 136).

### **O contexto multicultural e multirreligioso não dispensa da evangelização**

Globalização, migrações, mentalidade difundida pelos meios de comunicação, turismo nos permitem estar em contato com universos culturais e religiosos que no passado eram distantes e praticamente desconhecidos.

Os processos em andamento produzem a pluralização das referências culturais com consequências diretas sobre a vida das pessoas e sobre a sociedade. Essa pluralização é precedida e acompanhada por duas tendências: a secularização e a privatização.<sup>5</sup>

Por causa da secularização, a religião não tem mais uma importância central para toda a sociedade e não é mais considerada como aquilo que a mantém unida: mesmo sem religião a sociedade vive e se desenvolve do mesmo jeito. A secularização tem como efeito a privatização da vivência religiosa.

Característica peculiar do contexto contemporâneo é, portanto, o pluralismo das propostas e dos mundos vitais que a

---

<sup>5</sup> Cf ALLIEVI Stefano, *Pluralismo 8* = Parole delle fedi, Bologna, EMI 2006, 5.

especialmente quando encontramos jovens pobres e abandonados, diante dos quais nos perguntamos: Onde viverão “na noite desta civilização que exclui”? Como saberão enfrentar o pecado social da corrupção, da miséria, da fome e das injustiças?

Conscientes dos perigos e dos sofrimentos que pesam sobre a humanidade e sobre o planeta, como educadoras salesianas não podemos ter medo nem ficar passivamente conformadas: acolhimento e solidariedade só florescerão entre as pessoas, nas famílias, nas comunidades, nas cidades e nos povoados, entre os Países e os continentes, mediante decisões necessárias e corajosas.

O diálogo intercultural é uma dessas decisões, rebento de esperança que nos permite descobrir os mananciais profundos da confiança, da fé, dentro de uma pastoral juvenil bem fundada, com práxis concretas e já experimentadas, sobre a “cultura da hospitalidade e do encontro”, como propõe o Papa Francisco.

Recordemos Sara e Abraão que receberam os estrangeiros peregrinos que chegaram à casa deles, pedindo hospitalidade. Acolhendo-os, abriram espaço para Deus e receberam os dons de vida e de esperança que esses personagens deixaram para eles.

Na nossa missão educativa, acolher as jovens e os jovens do mundo e, em particular, das minorias (culturais, étnicas, sociais, etc.), significa abrir as portas para eles, fazer com que se sintam em casa; mas não só isso!

É necessário focar o dom recíproco que a gente faz com a hospitalidade: acolher as riquezas humanas, culturais, sociais e de fé deles... e colocar Deus no seu coração; é o encontro com Ele que muda a vida, é a fé nele que liberta do medo e nos torna livres para uma vida a serviço daqueles que Deus nos confia.

De fato, quanto mais aumenta a confiança em Deus, mais o coração se alarga aos vastos horizontes da humanidade, a tudo aquilo que é humano, em toda parte do mundo, em toda cultura.



O Deus em quem confiamos entrou na nossa realidade humana e nos fala com uma linguagem acessível: exprimindo-se plenamente na simplicidade de uma vida humana, renova continuamente sua confiança na humanidade, permite-nos crer na pessoa humana. A fé no Deus de Jesus e a confiança nas pessoas encontra hoje - para falar concretamente - o vasto campo da mobilidade humana, que tem o rosto dos jovens, das mulheres, das crianças que fogem, que emigram, que procuram trabalho, paz, casa, futuro, vida, esperança.

Está em jogo, aqui, não só um desafio para a convivência, mas uma oportunidade para responder a um chamado de Deus na missão educativa evangelizadora que desempenhamos, como comunidade.

### Alguns filmes para pensar...

Poder-se-ia reforçar esta reflexão com a visão de algumas sequências de filmes que despertam um profundo desejo de convivência pacífica e de solução de conflitos, em nome da pertença comum a uma única e grande família, a humana. Propomos alguns filmes bastante conhecidos, quase todos apresentados, nos últimos anos, pela Revista das Filhas de Maria Auxiliadora, *Da mihi animas*. As comunidades educativas, no próprio contexto, certamente poderão encontrar outros filmes interessantes que tratam do tema do diálogo intercultural.

#### DOGVILLE (2003)

**Direção:** Lars Von Trier

O filme é ambientado no começo da década de trinta, e conta a história de Grace, uma jovem em fuga de alguns gangster, que chega a Dogville onde, apesar da hesitação inicial de acolhê-la ou não, acha abrigo em troca de pequenos serviços a cada morador. Não obstante a aparente aceitação, aos poucos a mulher vai se tornando vítima de chantagem, exploração e violências de todo tipo, até chegar a um estado de escravidão, principalmente após tentar fugir daquela comunidade. Apesar disso, a jovem protagonista

- formar-se e trabalhar juntas, o acompanhamento, o Movimento Juvenil Salesiano, o voluntariado, a coordenação para a comunhão (p. 66);
- agir mediante processos que orientam a identificação de estratégias, a flexibilidade e o discernimento para enfrentar a incerteza atual e escolher a partir daí (n. 103 e 122);
- pensar e trabalhar junto, atuando uma metodologia de colaboração, num contexto de alta complexidade (n. 135);
- estimular na pessoa a capacidade de reler a própria história na presença de Deus (n. 123). Ajudas recebidas, experiências feitas, encontros significativos, dificuldades encontradas marcam um percurso que vai da memória à gratidão (n. 123);
- unir os vários grupos para que compartilhem valores e ideias-força e promovam iniciativas de diálogo, confronto, formação cristã e expressão juvenil (n. 124);
- tornar concreta e visível a comunhão de grupos e associações juvenis (n. 125);
- valorizar os lugares das origens salesianas como centros de convocação juvenil intercultural e lugares de diálogo e formação (n. 127);
- trabalhar junto, em nível de Família Salesiana mundial, com uma projetualidade coordenada e corresponsável para promover o Movimento Juvenil Salesiano em todo o mundo (n. 129);
- elaborar juntos as linhas fundamentais da missão que depois serão inculturadas nos diversos contextos de referência (n. 138).

O horizonte da interculturalidade está presente também ao determinar as finalidades dos processos promovidos. Por exemplo:



- Capacidade e exigência de escuta ativa das novas gerações, de diálogo, discernimento e trabalho conjunto (n. 106).
- Vontade de encontro e partilha com as/os jovens pertencentes a outras religiões, cultivando a abertura ao ecumenismo e ao diálogo interreligioso (n. 130).

As LOME incentivam a algumas *práxis concretas*:

- atenção às mediações culturais, ao conhecimento e uso de linguagens e expressões artístico-comunicativas típicas do atual mundo juvenil (n. 128).
- Formação para a interculturalidade, também através de encontros com outras culturas, povos, religiões (n. 133).
- Desenvolvimento de atitudes específicas, como sejam: o respeito das diferenças, a escuta, o encontro, o diálogo interpessoal, a abertura ao acolhimento... para se tornar interlocutores ativos nos processos de mudança em nível social (n. 133).
- A *práxis salesiana* como: a) criação de relações recíprocas e intergeracionais num amplo sistema educativo; b) convergência de múltiplas intervenções num projeto de promoção global que exige a participação de muitas pessoas, envolvidas em diferentes níveis de interação: eclesial, social e política; c) colaboração de FMA, leigos/leigas e jovens; d) interação entre diversos Âmbitos de animação e ligação entre diversos níveis de animação na rede local, inspetorial, internacional (n. 136 e 139).

Pode-se falar de interculturalidade quando se supera a mera coexistência e se descobre uma nova perspectiva de encontro, confronto e troca entre culturas. Por isso, é oportuno aviar alguns *processos* recomendados nas *Linhas orientadoras da missão educativa*:

perdoa tudo, querendo entender a mesquinhez dos outros. Depois, o encontro com o pai, o chefe dos gangster, do qual Grace fugira para não compartilhar aquela vida, a jovem compreende a falta de sentido de seu comportamento precedente e decide fazer Dogville enfrentar a responsabilidade de cada ação cometida.

### A TURMA (2008)

**Direção:** Laurent Cantet

O filme narra a vida de uma turma de estudantes numa periferia multiétnica parisiense, onde alguns adolescentes, semelhantes por jargão, rituais, modo de vestir, levam para a escola a voz e a complexidade de uma realidade em contínua transformação. Esses pré-adolescentes mostram sua interação com os adultos, professores e pais, na conflitualidade enxertada da sua multietnicidade.

### BEM-VINDO (2009)

**Direção:** Philippe Lioret

O filme narra a história de amizade de Bilal, jovem curdo de dezessete anos, símbolo de tantos imigrados frustrados, maltratados e humilhados, e de Simon, homem de meia idade: ambos seguem um amor perdido e são capazes de sonhar façanhas impossíveis. Entrando em contato, crescem juntos e mudam, quando se descobrem, um através do outro.

### RUMO AO EDEN (2009)

**Direção:** Costa Gavras

Não é um filme autobiográfico, mas muito pessoal, e narra, com a história de Elias, o drama de quem é forçado a deixar tudo o que conhece para se aventurar – no sofrimento da solidão e da estranheza – rumo ao desconhecido, impelido pela necessidade de sobreviver.

### GRANDE TURIM (2009)

**Direção:** Clint Eastwood

Através da parábola do velho Walt, numa periferia de Detroit, que se tornou gueto de imigrantes, o filme quer passar a ideia de

que nunca é tarde demais para aprender, crescer, entender e doar-se. É uma apologia da não-violência como resposta à brutalidade das ruas, mas também um convite à tolerância contra todo preconceito.

#### MIRAL (2010)

**Direção:** Julian Schnabel

**Tema e roteiro:** Rula Jebreal do próprio romance “A estrada das flores de Miral.”

O filme conta a realidade da Palestina contemporânea, com as injustiças praticadas principalmente contra as pessoas mais frágeis e indefesas. As personagens femininas que emergem têm grande consistência. Uma forte mensagem de paz e de amor desinteressado.

#### INVICTUS (2010)

**Direção:** Clint Eastwood

O título do filme, “invencível” em italiano, é o mote utilizado por Nelson Mandela durante os seus 27 anos de cárcere. Inspirando-se numa poesia de William Henley, o carismático chefe da luta contra as leis raciais fez dele o seu ponto de força: “*Eu sou o mestre do meu destino, eu sou o capitão da minha alma*”.

#### A CIDADE DE PAPELÃO (2011)

**Direção:** Ermanno Olmi

Uma igreja demolida, peça por peça debaixo dos olhos do velho pároco, que assiste impotente à retirada do grande crucifixo. O lugar se tornará um centro de acolhimento, refúgio e conforto para um grupo de pobres e abandonados, “verdadeiros ornamentos do templo de Deus”.

#### MONSIEUR LAZHAR (2011)

**Direção:** Philippe Falardeau

O filme narra, de modo transparente e concreto, como as emergências atuais e os problemas da integração migratória interpelam a escola e ensinam que ‘dar aulas’ significa também nunca deixar de ‘frequentar a escola’.

- A perspectiva eclesiológica é a de uma Igreja a serviço do mundo (n. 39).
- A convicção teológica de que a salvação é para toda a humanidade e do mistério da filiação brota a fraternidade universal (n. 83).
- O anúncio do Evangelho e o carisma salesiano se encarnam nas diversas culturas.
- O carácter dialógico do cristianismo.
- A missão educativa salesiana é desempenhada *com e a favor* de várias categorias de pessoas: crianças, adolescentes e jovens; meninas/os e adolescentes em situação de risco; jovens, minorias étnicas, os mais pobres.
- A missão educativa salesiana é desempenhada por muitas pessoas na comunidade educativa e o que une é a comum identidade humana e a vocação educativa (p. 42).
- A abertura ao diálogo e ao trabalho em rede com aqueles que compartilham a paixão educativa (n. 69).
- O processo educativo é proposta para todos, radicada em valores humanos comuns.
- A oferta de uma vasta pluralidade de ambientes educativos e de propostas educativas.

#### *Atitudes e competências que favorecem a interculturalidade:*

- Diálogo intergeracional, ecumênico e inter-religioso.
- Respeito, abertura e valorização da diversidade, sem perder a própria identidade.
- Práxis que respeita as fases de desenvolvimento, o dinamismo do crescimento humano, em interação crítica com a realidade sociocultural (n. 102).
- No centro estão as jovens e os jovens (n. 136).

- a. O primeiro nível é o da presença no documento de palavras como intercultural – interculturalidade – diálogo intercultural – multicultural – multicultural – multiculturalidade, principalmente em referência ao contexto mundial hodierno; a presenças e ambientes onde as FMA desempenham a missão educativa; ao processo educativo que promove a passagem da multiculturalidade à interculturalidade.
- b. Uma leitura transversal mais aprofundada das LOME permite notar várias expressões e parágrafos que refletem o conceito de interculturalidade – multiculturalidade, evidenciando sua mentalidade, atitudes, sensibilidade, mesmo sem empregar tais palavras.

Em síntese, foram duas as *escolhas fundamentais* na elaboração das LOME, que tomaram em consideração o diálogo intercultural:

- a escolha de formar comissões internacionais interculturais e de envolver todas as Inspetorias na redação das *Linhas orientadoras da missão educativa* (LOME p. 6).
- A escolha de propor algumas *coordenadas para uma leitura do mundo juvenil*, ao invés de uma leitura generalizada que correria o risco de não respeitar a variedade dos contextos (LOME 15).

As LOME se situam num horizonte amplo de reflexão intercultural, mediante:

- o reconhecimento de que o Espírito Santo está agindo na história das pessoas, das sociedades, dos povos (n. 70).
- A nossa identidade é dinâmica, capaz de descentrar-se, de ser fiel ao amor e à amizade, de assumir o destino, o sofrimento, a alegria da outra pessoa.

### O SOL DENTRO (2012)

**Direção:** Paolo Bianchini

Inspirado numa história real, *Il sole dentro* se desenrola no entrelace de duas viagens de esperança, tecidos de sofrimentos e de valores: o de Yaguine e Fodè, da Guiné à Europa, para fazer um apelo em nome de todas as crianças da África, e o inverso, de Tabho e Rocco, da Itália ao povoado de N'Dola, em busca de uma vida melhor.

### THE HELP (2012)

**Direção:** Tate Taylor

Nasce de uma autobiografia e evoca a história de Eugênia, jovem jornalista sensível e solidária que, no estado do Mississippi, nos anos sessenta, toma consciência do sentimento de racismo para com as mulheres negras no seu país. Indignada - contando com a ajuda das vítimas da discriminação e intensa participação humana - decide escrever um livro sobre o assunto. Para a comunidade afroamericana será o início do caminho para a obtenção dos direitos civis.

### JÁ QUE NASCESTE, NÃO PODES MAIS TE ESCONDER (2013)

**Direção:** Marco Tullio Giordana

É a história de Sandro, de doze anos que, durante um cruzeiro com o pai, cai no mar e é tido por afogado. Ao invés, avistado por um grupo de imigrantes clandestinos, Sandro é salvo e colocado a bordo do barco de Radu, um rapaz romeno que viaja em companhia da irmã menor, Alina. Para Sandro, tem início a viagem de volta à Itália. Uma aventura que o leva a avaliar a própria vida e a sua capacidade de adaptação. O encontro com os clandestinos, a partilha da existência miserável deles, a raiva e a ambição dos transportadores, a amizade dos dois jovens romenos, lhe permitem descobrir um mundo oposto ao seu. Quando desembarcaram e foram recebidos num centro de primeiro acolhimento, Sandro não abandonou Radu e Alina. Pedirá aos pais que os adotem e, mesmo após ser traído por eles, não deixará de ajudá-los. A experiência que compartilhou com eles o colocou a dura prova e mudou profundamente a sua vida.

## O FILHO DA OUTRA (2012)

**Direção:** Lorraine Lévy

A autora conta, sem reticências, a difícil convivência entre israelitas e palestinos, mas acredita firmemente na maturação da consciência de tantas pessoas de boa vontade presentes em ambos os lados.

## 42 (2013)

**Direção:** Brian Helgeland

Terminada a segunda guerra mundial, o mundo do ‘baseball’ americano ainda obriga os jogadores afroamericanos a participar de campeonatos só para negros, não permitindo o acesso deles à primeira divisão, nem se unir aos times de atletas brancos. Cansado dessa forma de segregação racial, Branch Rickey, diretor geral do time dos *Brooklyn Dodgers*, promete a si mesmo que conseguirá levar um jovem americano negro à classe profissional, escolhendo o ex-estrela juvenil, Jackie Robinson. O título faz referência ao número da camisa usada por Jackie Robinson, primeiro jogador negro da Liga Maior. Com ele, no dia 15 de abril de 1947, foi quebrada uma barreira racial. Mas, o que possibilitou aquele momento, esconde uma história complexa: para participar daquele encontro, Robinson teve de enfrentar fileiras de opositores contrários à “contaminação” racial no mundo do ‘baseball’.

## A interculturalidade nas Linhas Orientadoras da Missão Educativa

Diante do cenário de um mundo em movimento, somos chamadas a passar, da constatação da multiculturalidade, à valorização e potencialização da interculturalidade.

O XXI CG falou de “interculturalidade” ligando esse termo à experiência da espiritualidade de comunhão, justamente porque o reconhecimento da interculturalidade nos faz compreender, acolher a diferença como valor. Além disso, se reconhece que “não é fácil fazer a interculturalidade se tornar vida e modo de ser de nossas comunidades. Para vir a ser mulheres de comunhão e de reconciliação, somos chamadas a caminhar mais

decididamente nas estradas do diálogo, da clareza, da recíproca hospitalidade, da corresponsabilidade, reafirmando o primado do ser sobre o fazer”<sup>1</sup> e entre os percursos pós-capitulares foi proposto o “aprofundamento das exigências e das implicações da interculturalidade nas relações e na educação”.<sup>2</sup>

Entre os caminhos de conversão ao amor assumidos pelo XXII CG a interculturalidade foi ligada à ação educativa das comunidades educativas, e foram assumidos, de modo particular, estes dois compromissos:

\* consolidar a *mentalidade de rede*, valorizando a riqueza da interculturalidade e da internacionalidade que caracterizam o nosso Instituto; potencializar o intercâmbio com as instituições eclesiais e civis empenhadas na linha de frente da educação e da evangelização.<sup>3</sup>

\* Criar condições para formar *comunidades interculturais* e estar sempre mais disponíveis às trocas de ambiente e também de Inspetoria, seja onde é mais forte o fenômeno migratório, seja na missão *ad gentes*.<sup>4</sup>

A assunção do desafio do contexto multicultural e multirreligioso é o pano de fundo cultural sobre o qual as *Linhas orientadoras da missão educativa* (LOME) foram elaboradas. Hoje, a abordagem intercultural na educação e na evangelização é imprescindível. As LOME convidam a ir além do reconhecimento das diversidades, na consciência de que cada cultura e religião, com sua característica riqueza, contribui para a visão integral da vida.

Nas LOME podemos perceber dois níveis de leitura da perspectiva da interculturalidade.

<sup>1</sup> ISTITUTO FMA, *Atti del Capitolo generale XXI*, Roma 2003, n. 35.

<sup>2</sup> *Ivi* n. 36.

<sup>3</sup> ISTITUTO FMA, *Atti del Capitolo generale XXII*, Roma 2009, n. 40.5.

<sup>4</sup> *Ivi* n 40.8.